

A POESIA SOCIAL DE JOSÉ AGUIAR SAMPAIO

ALVES, Gisele dos Santos.
gisasinhaalves@hotmail.com

JESUS, Izabel Cristina Santos de.
izabel_iap@hotmail.com

SANTOS, Luciana Oliveira.
lucianamissano@hotmail.com

SANTOS, Gustavo André. (Orientador)
Professor do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de tornar conhecida a obra de José de Aguiar Sampaio, que desponta no auge do período modernista, momento marcado pela ruptura da métrica, voltado para a aquisição do verso livre, dando forma a uma poesia comprometida com os acontecimentos políticos e sociais da época. Por conta deste período de transição, era comum haver uma vacilação literária, o que caracteriza seus textos ora nos moldes da poesia velha, ora nos moldes da poesia nova.

Por viver em cidades do interior sergipano, justifica-se o atraso estético de suas primeiras produções literárias, levando-o a produção de poemas amorosos. Com a mudança para a capital, em contato com os vários meios literários, se entusiasma com as novas propostas, passando a elaborar uma poesia lírica, totalmente diferente do que havia sido feito até o momento, marcada pela simplicidade e riqueza ao retratar o âmbito social, como também poemas radicais, desvinculado do verso tradicional. Quando inicia no modernismo, tenta destruir qualquer forma de poesia relacionada ao tradicional.

Sua obra possui grande importância na literatura sergipana, em especial, da literatura sergipana, por retratar uma poesia voltada para as misérias e angústias humanas, buscando incluir os excluídos, criticando a sociedade da época, enfatizando a classe marginalizada.

PALAVRAS – CHAVE: Literatura, Poesia Social, Sergipe.

O presente artigo pretende caracterizar a importância de José de Aguiar Sampaio no desenrolar do período modernista sergipano, que deu seus primeiros sinais no ano de 1921, com a produção de Carlos Fontes, seguido por Heribaldo Vieira em 1923, José Maria Fontes em 1924 que, juntamente com Abelardo Romero, concretizam mais tarde a idéia renovadora, no recital de poemas realizado em Estância, no ano de 1928, com produções que obedecem a nova estética. No ano seguinte, em Aracaju, realizam a noite de Audição de Poesia Moderna, no cinema Guarany. A partir desse momento, surgem adeptos deste novo movimento, como também os poetas comprometidos com a poesia velha experimentam essa nova idéia. Para isso, é necessário um estudo acerca da origem e trajetória da literatura sergipana quanto ao período modernista, destacando a poesia social abordada por José Sampaio nesse período.

LITERATURA SERGIPANA

A literatura é considerada uma seqüência natural de elementos e fatos encadeados que vai adquirindo vida autônoma no decorrer do tempo. Assim, a literatura sergipana nos séculos XVII e XVIII, por falta de condições sócio-econômicas estava baseada nas tradicionais correntes européias, sendo caracterizada como uma sublitteratura oral, inculta, de caráter popular e religioso.

Como a literatura pressupõe o domínio da palavra, gramática, a nossa província até a primeira década do século XIX tinha como única língua ministrada no curso secundário o latim, dando margem ao atraso cultural. Somente na segunda década do século XIX com a

separação de Sergipe da Bahia começou a aparecer elementos propriamente específicos, que serviram de expressão a realidade sergipana, dentre os poetas, tais como: Pe. Lourenço Ribeiro, Gregório de Matos e Luís Canelo de Noronha que pela utilização de um estilo rebuscado caracterizou a fase barroca, embora não tivessem mantido contato com a nossa realidade e foram somente citados por questão sentimental.

Muitos poetas como Silvio Romero, Lima Júnior, Prado Sampaio e Magalhães Carneiro atribuíram a pessoa e a obra de Constantino Gomes como ponto de referência as manifestações iniciais da literatura em Sergipe. Mas segundo Jackson Lima, essa atribuição mostra a insegurança desses poetas quanto a menção da obra “Himnos da Minh’Alma” de Constantino Gomes pelo fato de ser o segundo livro a ser publicado. No entanto, Lima Júnior fundamenta sua opinião acerca do citado poeta, no que se refere:

Constantino Gomes, na qualidade de representante de uma época, tem um mérito que a falta a todos os sergipanos que lhe antecederam, e que sucederam: o de ser com justiça, segundo nossa opinião, a pedra fundamental da literatura sergipana, quer como poeta, quer como prosador.

Já eram entre nós conhecidas, de tempos a tempos, as vibrações sonoras das liras dos religiosos Santa Cecília, e Ignácio Antônio da Costa Lobo, que escreviam como passatempo, e quando se lhes oferecia ocasião de lisonjear algum figurão da época, algum Presidente da antiga Província.

Mas, nem Santa Cecília, nem Ignácio Antônio, cultivaram com esmero a poesia, dando às suas produções a elasticidade precisa para assinalar uma época fecunda no campo das letras. Coube isso mais tarde ao Dr. Constantino em fins da primeira metade do século. (JUNIOR, 1892, p.46)

Quanto ao valor estético é verdade sobre o que se afirma sobre Frei de Santa Cecília e a figura de Constantino pelo fato de sua obra significativa tanto em verso como em prosa não admitindo a sua especialidade quanto ao surgimento da literatura por causa de ter havido muitos trabalhos poéticos de diversos autores, constituindo a expressão de um trabalho literário em formação. Mas quanto ao poeta Manoel Joaquim de Oliveira Campos, a hipótese não é verdadeira, devido ter antecedido os demais poetas, cerca de uma década.

É notório que a concepção de marco da literatura sergipana sob o critério da emancipação política é frágil pelo fato de não ter evidência a presença histórica, por outro lado, a questão da fundação da imprensa é descartada porque a literatura nacional se fundamentou independentemente da imprensa, mas foi efetivada na 1ª década do século XIX, após a vinda da família real. Outro critério que é originado pela efemeridade se coloca a pessoa de um escritor ou sua obra quanto as origens do fenômeno literário.

Esse fenômeno brota entre 1820 – 1851, dentre elementos e circunstâncias sociais que determinam a efetivação da literatura sergipana com características próprias de acordo com os seguintes acontecimentos, no que se refere a autonomia de Sergipe, o governo da Província se vê na condição de criar condições de infra estrutura e a implantação de um ensino secundário, no qual desenvolvesse uma educação melhor, em que os professores eram escolhidos através de concurso.

Dentre as várias medidas tomadas pelo governo através de decretos e leis que promovessem o progresso cultural, foi criada em 1832, a imprensa pelo Monsenhor Silveira, na vila de Estância e a circulação do primeiro jornal Recopilador Sergipano editado duas vezes por semana, transmitia notícias e artigos periódicos de outros estados. Em 31 de maio de 1833, aprova o Conselho do Governo de Sergipe como forma de evidenciar a literatura, no que é conhecida no artigo X, conforme nos informa Jackson da Silva Lima: “Reconhecia de fato a necessidade de se incrementar o gosto pela arte literária, em particular, a poesia, obrigando ao Lente de Retórica a ensinar a Poética, desdobrada em cadeira autônoma.” (LIMA, 1971, p.56)

Assim, o governo intensificava não só o desenvolvimento educacional, como também condições sócio-históricas que dessem condições para as manifestações literárias e artísticas em nosso Estado. Em virtude disso, no ano de 1834 surgem os primeiros indícios

poéticos de Oliveira Campos e Joaquim Inocêncio Navarro, que do ponto de vista didático é considerado como marco inicial de nossa literatura.

Logo, no ano de 1835 surge o teatro que está fortemente ligado as representações artísticas. Então, dentre as diversas manifestações culturais, dando ênfase a literatura, estão ligadas a fatores sócio-econômicos, oriundo do contexto histórico sergipano é que se pode considerar o marco inicial de nossa literatura.

A TRAJETÓRIA DA LITERATURA SERGIPANA

O fenômeno literário em Sergipe iniciou através do verso, por ter uma característica auditiva, um caráter mnemônico e com um poder de atração pelo fato da poesia ser declamada em diversos acontecimentos sociais e festivos e está ligada a musica e a dança, ao contrário da prosa.

A poesia sergipana é o marco inicial da literatura em Sergipe desde o início da década de 30. As primeiras produções literárias estavam atreladas ao nosso patrimônio, no que se refere a terra, a paisagem, a história e os costumes, dando início ao Romantismo, que teve seu apogeu nos últimos anos da década de 50.

Nesse período, além da poesia, começa a se desenvolver a prosa em gêneros como a dramaturgia, o romance (novela), o conto e a crítica literária. Mesmo assim, os poetas sergipanos estavam presos aos modelos do arcadismo, só encontrando ruptura no ano de 1848 através de “Prelúdios Poéticos” de Constantino Gomes, sendo realmente evidenciada na obra “Himnos da minha alma” do mesmo autor.

É notória a decadência da poesia no gênero romanescos na década de 70, devido ao esgotamento do conteúdo nativista ter se tornado ridículo e lamurioso, encontrando abertura para a prosa com os poetas Constantino Gomes, Brício Cardoso, Pedro Calazans, entre outros, enfatizando em suas obras o drama e o romance.

Devido a distância do nosso estado quanto aos demais, ficamos desatualizados quanto a adoção de princípios e correntes estéticas, não se difundindo o Realismo – Naturalismo pelo fato do movimento ter poucos adeptos no âmbito nacional. No período de 1900 a 1920, houve um aumento da publicação de jornais em verso e prosa e a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ganhando forças o neoparnasianismo.

É a partir de 1922, após a Semana de Arte Moderna, que surge a fase Pré-Modernista, onde os poetas reagem contra as gerações conservadoras na “Hora Literária”, como também é criada a Academia Brasileira de Letras. Essa fase alarga-se por todo o país, conquistando jovens por valorizar o cotidiano no sentido social e humano na obra de José de Aguiar Sampaio, a influência da Escola Condoreira de Recife que se utiliza da imaginação, da violência, das antíteses e hipérboles com José Maria Gomes de Souza e o orfismo de Santo Souza que o Modernismo se consolida em Sergipe.

Esse movimento de peculiaridade regional se solidifica no ano de 1933, quando os poemas sociais de José Sampaio são divulgados pela imprensa. Enquanto no âmbito nacional surgem os poetas Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Jorge Lima, Vinícius de Moraes, cujos temas influenciaram na obra de Sampaio. Mas, o estilo deste autor conhecido como “poeta dos humildes”, tem um conteúdo próprio, que relata a dor e o sofrimento das pessoas, não se aproximando dos textos dos autores nacionais, que sempre eram compostos na questão do interesse e da amizade. Assim é que Jackson Lima afirma uma composição original, no que se refere a obra de Sampaio: “era o poeta dos pobres, morou na rua dos humildes, inspirado na dor, escreveu o poema dos miseráveis”.

No ano de 1953, surge um novo aspecto literário com a publicação de “Cidade Subterrânea” de Santo Souza, dando início ao Pós-Modernismo. Esse poeta, ao contrário de Sampaio que buscava o homem situado em determinado tempo e espaço, o seu sofrimento

originado das condições sociais, Santo Souza procurou captar esse sentimento existente dentro de uma perspectiva histórica que permeia a origem histórica do ser humano.

No momento histórico em que José Sampaio se apresenta como poeta, o movimento modernista se encontra em plena ascensão, porém, Sampaio é um poeta passadista, ou seja, quando surge no cenário poético, suas poesias ainda seguem os moldes da poesia velha, sendo em 1934, que começa a produzir suas primeiras poesias modernistas, sem preocupação de contagem de sílabas e ordenamento das estrofes.

É nesse percurso que a poesia de Sampaio passa por uma evolução literária demarcada pela fase de iniciação poética que se estende de 1930 a fins de 1934 e a fase de amadurecimento poético a partir de 1945, proporcionando a imagem de poeta dos humildes dos caminhos estéticos por ele percorridos e do seu esforço de atualização literária devido a sua vivência em cidades interioranas, como: Carmópolis, Capela e Riachuelo, que justifica o atraso estético de suas primeiras obras literárias, ocasionando a produção de textos ora nos moldes da poesia velha, ora nos moldes da poesia nova.

A obra de Sampaio torna-se popular por apresentar uma poesia simples, realista, comovente, que atinge todas as camadas sociais de leitores, inclusive os humildes, registrando suas vidas e sofrimentos, alcançando surpreendentes efeitos estéticos, mas de conteúdo dramático e também épico.

O primeiro poema conhecido do autor está datado de Capela, 14 de fevereiro de 1933, trata-se de soneto “A Caçada”, publicado no jornal O Comércio, de Maruim. Mas o maior destaque do poeta José Sampaio foi a contribuição poética de “Nós acendemos as nossas estrelas”, entronizando nas composições de conteúdo social engajado, participante, carregadas de uma simbologia aparentemente hermética, mas, paradoxalmente, fácil de ser entendida.

O que merece destaque na sua obra é simplicidade da poesia, atingindo todas as camadas sociais, inclusive os próprios humildes, dos quais se ocupa, num gesto espontâneo de solidariedade humana.

O poeta José de Aguiar Sampaio fez poucos estudos, mas logo cedo estava trabalhando no comércio e, como caixeiro-viajante conhece a “hiterlândia sergipana” que segundo Jackson (1992,p.77), essa significação é atribuída: “... o atraso estético dos primeiros poemas de José Sampaio, que na década de 30 ainda andava com o Tratado de Versificação de Olavo Bilac debaixo do braço...” (p. 77).

Esse atraso estético pelo qual Sampaio sofreu foi devido a sua estada até os vinte anos de idade, em cidades como Carmópolis, Riachuelo e Capela em que suas produções estavam voltadas a questão amorosa e ainda tinha como instrumento o Tratado de Versificação para a aprendizagem do fazer poético nos moldes das regras estabelecidas para o verso e a rima.

Assim, de 1900 a 1920, além da circulação de jornais e revistas, fundam-se órgãos e associações como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e é nessa última década que vão surgir os reflexos da Semana de Arte Moderna, com a fase Pré-Modernista, gerando fortes reações à geração conservadora e ao mesmo tempo ganha adeptos, principalmente entre os jovens, engajados com a luta de impor novos conceitos da arte em periódicos de grande circulação.

Através da poesia, José Sampaio valoriza o cotidiano, comprometido com as causas sociais e humanas, marcando a fase popular do poeta que retrata um estilo simples, comovente, realista, atingindo a todas as camadas sociais, a partir do poema “O Curral” que irá retratar os problemas da cidade buscando encontrar soluções, sendo encarados como forma de libertar os oprimidos e de intimidar os opressores.

Em fins de 1938, José Sampaio muda o título do livro “O Curral” para “Nós acendemos as nossas estrelas”. Essa mudança deve-se à preocupação do poeta com a classe menos favorecida e ficou conhecido como o “poeta dos humildes”, por sua ideologia comprometida com o social. Não sendo entendido pelos críticos por seu posicionamento ao alterar o título, o poeta conclui que os dramas sociais coletivos não precisam ser iluminados, mas devem ser conquistados através da luta, explicando que a melhoria dos miseráveis surgirá do trabalho e suor para uma condição de vida melhor, como afirma José Sampaio: “a arte a serviço do povo e da vida e não a arte parada em si mesma” (1967, p. 21)

Com esse título, Sampaio tem a idéia de que somos nós mesmos que buscamos a melhoria de nossas vidas, ou seja, acendemos nossas estrelas. Assim, o escritor e memorialista Jackson da Silva Lima, encantado com os poemas de conteúdo sócio-revolucionário de Sampaio, pelo fato de retratarem a realidade social e humana que vivem em especial, a maioria dos sergipanos, começa a pesquisar e estudar a obra de Sampaio em jornais e revistas que foi organizada numa edição dividida em três partes: Esparsos e Inéditos Vol. I (jornais e revistas); Esparsos e Inéditos Vol. II (Sociais – Revolucionários – Amorosos) e a Vida e Obra de José Sampaio. Em 1993, com apoio da Fundação Augusto Franco e da Prefeitura Municipal de Carmópolis foi lançado “Poesia e Prosa de José Sampaio”, em que Luiz Antônio Barreto o situa historicamente na introdução desse livro: “José Sampaio foi o cantor dessa síntese de miseráveis, revestindo de beleza, graças ao seu talento de poeta, o cenário tenebroso que o Estado Novo (1937), a morte de Lampião (1938) e à guerra (1942) tornam mais hostil ao povo” (1992, p.77)

Devido os poemas de Sampaio serem publicados em jornais e revistas e espalhados pelo território sergipano, só após sua morte foram condensados numa edição publicada pelo Movimento cultural de Sergipe.

Assim, ao mudar para a capital Sampaio começa a ter os seus primeiros contatos com a poesia modernista, começando a elaborar a partir de 1934, poemas cuja temática é embasada nos problemas sociais. Através de uma linguagem lírica, consegue retratar o meio circundante totalmente descomprometido com o verso tradicional, com o informa Santo Souza: “... tem que se admitir que o poeta por escrúpulo ou anti-saudosismo, tenha destruído a produção anterior à sua adesão ao modernismo, a da fase comprometida com o tradicional”.

É nesse momento de transição que Sampaio ao encarar a profissão de caixeiro-viajante vê um mundo totalmente diferente do que vivia até então, e isso desponta o sentimento de solidariedade para aquelas massas sofredoras à mercê da injustiça e pela maldade dos poderosos.

Conforme Austrogéliso Porto (1967), as poesias do referido poeta não eram feitas somente pelo fazer, mas pela fonte de inspiração ao entrar em contato com o sofrimento dos seres humanos sempre se perguntava o porquê desse meio sofredor, e não encontrando respostas, deixa evidenciado em alguns de seus poemas algumas interrogações: “É a angústia que chega ou são as tuas mãos? É a voz da noite ou a tua voz em busca do amanhecer? É a aurora de todos os dias ou os pássaros estão livres?”

Essa forma de deixar sempre uma ou várias perguntas, foi o meio pelo qual Sampaio encontrou a não compreensão do mundo inacessível, tornando um ser capaz de refletir as coisas de forma mais objetiva, em que Aracaju era apenas um ponto de referência para demarcar a amplitude social num âmbito universal.

Segundo Aluysio Mendonça Sampaio, a poesia de José Sampaio é dividida em cinco fases, sendo que a primeira acontece no período de 1933 a 1934, tendo início no ano de 1933, marcada pela transição do estilo tradicional para o modernismo, onde no final desse período utiliza a rima como eventualidade, buscando enfatizar a vida e o folclore do povo.

Em 1934, sua poesia adentra o modernismo baseado em temas popular e humano, fazendo um retrato das injustiças sociais que permeiam a vida humana. Para isso, tem como base o poeta Manoel Bandeira, que retrata o cotidiano, as emoções que marcam a existência humana, escreveu “Irene no céu”, que retrata a mulher pobre da favela, que sofre preconceito racial, evidenciando o caráter da pessoa e a forma como essas “Irenes” sentem-se excluídas da sociedade, servindo de inspiração para Sampaio ao escrever o poema “Canção”, que demarca a vida do povo, realizando poemas-crônica, caracterizando a poesia participante.

IRENE NO CÉU

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
- Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença

(Manuel Bandeira)

CANCÃO

Canção, você sofreu na vida.
A vida inteira.
Sua velhice serviu de brincadeira
Preferida
Pelos moleques da rua

E eu pensei que você, que sofria
Um grande sofrimento,
Quando morresse um dia
Ficasse no pensamento
Da gente.

Mas, não!
Ninguém se lembra de você!
Somente algum moleque
Daqueles que lhe martirizavam
Com o apelido horrendo de Canção!

Mas se a dor purifica,
Se a gente preta entra no céu,
Você, Canção, vive na luz...

Se você se salvou
 Não peça nada a Jesus
 Para essa gente ingrata!

Aqui não resta mais nada de você.
 Já mandaram tocar fogo
 Na sua casinha de palha
 Que ficava no monte...

Você foi pobre, Canção,
 Você foi preta.

(José Sampaio)

A segunda fase tem início no ano de 1935, onde o protesto – lamento da fase anterior se transforma em processo revolucionário devido ao Movimento da Aliança Nacional Libertadora, ou seja, Intentona Comunista, onde Sampaio tinha influência revolucionária, principalmente da vanguarda estudantil e literária de Aracaju. Nesta fase alicerça uma poesia popular, voltada para o humanismo, escrita na linguagem coloquial, como forma de despertar o espírito revolucionário das pessoas, mas escrevia de forma indireta, destacando personagens como: os pobres e as prostitutas que fazem parte do cenário social de Aracaju, predominando nos poemas: O curral, Cadê você, Conceição, A rua das vítimas, O povo, que sujeito, Dia que vem.

CADÊ VOCÊ, CONCEIÇÃO?

Cadê você, Conceição,
 a sertaneja simples,
 bela de ignorância,
 sadia e bela?

Você é sepultura
 da menina boa que você era.

Aracaju, na fantasia infeliz
 do seu sonho de menina,
 a cidade imensa, misteriosa,

enfeitada de luzes multicores,
 como uma cidade lendária
 acabou com você,
 mata sua graça,
 menina da roça!

Essa casa grande que você mora
 é uma tapera,
 muito mais tapera
 que sua casa de palha
 que ficou vazia de sua graça.

A cidade pequena onde você nasceu
 espera o dia de sua volta
 como um dia de festa
 porque não sabe que você morreu.

Não volte nunca mais
 À cidade pequena onde você nasceu,
 porque, todos dirão,
 olhando pra você:
 cadê você, conceição?
 Conceição, cadê você?

A terceira fase acontece no período de 1936 a 1937, é marcada pela instauração da Ditadura do Estado Novo, em que os poemas não seguem o caráter revolucionário, pois predomina o verso livre, caracterizando a aderência ao lirismo e ao e ao fundo humanista pelo fato de inspirar na vivência do povo, retratado nos poemas: Compreensão, Marcha das lágrimas, Revolução das ruínas, Sarjeta, Quando chegou o fim, Espere mais, meu amor.

SARJETA

Eu olhei muito a sarjeta,
 a água correndo mansa e clara,
 sorrindo no cristal dos caracóis.

Mas, eu vi lá no fundo
 a tristeza do lodo
 cobrindo o chão de luto.

E me lembrei da humanidade.

Por que é que não limpam
 o fundo das sarjetas?

Marcada pela supressão das liberdades democráticas, a quarta fase compreende o período de 1938 a 1944, onde Sampaio se utiliza metáforas e símbolos na composição de poemas que transitam entre o regional, retratando a cidade de Aracaju, o rio, a vida dos nordestinos e o universal, abordando temas como: Urubu, Hoje, Confiança, Um clarão vem do mar, entre outros, com o objetivo de transmitir esperanças de um mundo melhor.

CONFIANÇA

Os olhos da minha amiga brilharam
Esperando a resposta
Eu estava seguro em suas mãos
E ela com os olhos no meu rosto, esperando.

Respondi.

Então deitou a cabeça no meu peito
Porque achou que eu não tinha ambição
E era amigo de homens que eu nunca tinha visto.

Ficou triste
Quando eu disse que talvez
Não pudéssemos ver o novo dia
Que teria de proteger a nossa vida.

Mas eu sorri
Alisando os cabelos da minha amada.

Na quinta fase, que acontece no período de 1945 a 1956, sua produção começa a rarear, sendo escritos apenas oito poemas, que são: Enoch Santiago Filho, Canto de paz, Canto do negro morto, Taumaturgo, Mensagem, Canto à cidade princesa, Último poema. É notável em quatro deles persiste o sentido de arte participante, onde exalta o poeta Enoch Santiago Filho, o poeta libertário, Luiz Carlos Prestes, cavaleiro da esperança, a luta pela paz e a homenagem a Anízio Dário, negro assassinado em comício realizado em Aracaju. Exalta também a beleza da arte poética.

CANTO DO NEGRO MORTO

Um arrepio na noite...
De repente,
Um homem morto na rua.

O rosto permanece vivo das suas palavras.
Dos cantos dos olhos descem dois grandes rios.
Onde irão parar esses rios de tão intensa alvura?

As mãos do negro abertas para o ar,
Cheias somente da noite.

As manchas vermelhas na calçada
São as únicas rosas que florescem
Em torno do seu corpo...

O vento da noite, de balde,
Tenta gelar o coração da companheira
Onde o negro muito antes da morte
Acendeu uma estrela...

Os filhos do morto procurarão o pai e um dia
O encontrarão, amanhã ou mais além.

A noite conduz um recado no lombo do vento.
E a cidade se alarga.
As mãos abertas para o ar
Esperam as madrugadas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a poesia social de José de Aguiar Sampaio, com a finalidade de tornar conhecido um poeta sergipano que desponta no auge do modernismo, enfatizando o sofrimento do povo, diante das injustiças sociais vigentes, decorrentes do contexto histórico da época e, conseqüentemente, contribuir com pesquisas e estudos futuros, relacionados a este tema, como subsídio para outros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAMPAIO, José. **Poesia & prosa de José Sampaio**. Organização, introdução e notas de Jackson da Silva Lima. Sociedade Editorial de Sergipe, Aracaju, 1992.

SAMPAIO, José. **Obras completas**. Livraria Regina, Aracaju, 1956.

SAMPAIO, José. Esparsos e inéditos. Nova Editora de Sergipe, Aracaju, 1967.

ASSIS, Brasil. **A poesia sergipana no século XX: (antologia)**. Rio de Janeiro, Imago Editora; Aracaju-SE: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer de Sergipe, 1998.

NETO, José Olyntho de Oliveira; LIMA, Márcia Maria Félix de. **Poesia Sergipana: uma antologia**. Gráfica brasiliiana.

CONCEIÇÃO, José Carlos. **José Sampaio: Eles fizeram parte da nossa história**. Disponível em: www.soumaiscarmopolis.com.br. Acesso em 04 de abril de 2006.